DEBATE PÚBLICO E IDENTIDADES COLETIVAS: a representação de moradores de favela na produção cultural da televisão brasileira[1]

ROCHA, Simone Maria
Doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ; Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG; Pesquisadora do Grupo de Pesquisas em Mídia e Espaço Público
smarocha@ig.com.br

RESUMO

O propósito deste artigo é discutir sobre as possibilidades que a televisão brasileira pode oferecer na contribuição para o debate público e para a construção de identidades coletivas, indo além do que é tradicionalmente veiculado no jornalismo. Queremos evidenciar e argumentar que outras produções e gêneros mediáticos podem, sim, possuir conteúdo político e promover reflexões e discussões de assuntos e temas de natureza e interesse coletivos, ao apresentar novas temáticas, interesses e formas de intercâmbio, inclusive daqueles sujeitos que sofrem exclusão social e falta de reconhecimento. A partir de material já analisado, este texto traz um exemplo empírico, qual seja, a minissérie *Cidade dos Homens* , exibida pela Rede Globo desde 2002.

Palavras-chave: Debate público. Representação. Moradores de favela.

1 INTRODUÇÃO

O cenário contemporâneo de formação e discussão da política tem vivido uma ampliação considerável no que diz respeito aos temas que aí adquirem relevância. Vários autores têm apontado para esse fenômeno de ampliação, direcionando suas reflexões para o que consideram como lutas por reconhecimento, por estima social e respeito. Essas demandas seriam uma nova configuração da ordem mundial global e multicultural, na qual a justiça social não pode ser pensada exclusivamente como uma distribuição de bens materiais ou mesmo como a distribuição de benefícios por parte dos governos. O que queremos dizer é que os conflitos de classe têm sido tendencialmente suplantados por conflitos de **status** social, advindos da dominação cultural (FRASER, 1997; HONNETH, 2003)[2]. Marcos Nobre esclarece que,

> De sua parte, a crítica social e os novos movimentos sociais, que se voltaram contra a pretensão de neutralidade técnica da burocracia estatal, conseguiram abrir novos espaços de participação e de deliberação dentro do próprio aparelho de Estado. [...] Nos últimos vinte e cinco anos [...] tanto a crise econômica do *welfare state* como o diagnóstico da perda da centralidade do trabalho como categoria sociológica central parecem ter se aprofundado, de maneira que os próprios objetivos colocados então pelos novos movimentos sociais me parecem ter de ser reinterpretados à luz desses desenvolvimentos. Além disso, a introdução de novas pautas de reivindicações pelos movimentos sociais criou uma tensão entre reivindicação por igualdade e reivindicação de reconhecimento de diferenças que tem mostrado ser de difícil reconciliação tanto teórica como praticamente (NOBRE, 2003, p.24, grifos nossos).

Diante disso e a partir da constatação da presença cada vez mais disseminada e abrangente d *os media* na vida social, nas relações cotidianas, na política, na cultura, gostaríamos de empreender uma análise que vincule esses dois elementos, quais sejam, um entendimento mais ampliado de política e a presença significativa dos *media* na estruturação da vida social e suas possíveis contribuições neste referido cenário.

Contudo, devemos estar atentos para o fato de que este papel a ser desempenhado pelos *media* , como estimuladores do debate, embora de extrema relevância para o sentido de política que estamos adotando aqui, ocorre de modo ainda muito atrelado ao jornalismo como o meio preferencial de provimento de informações e discussões sobre determinado tema de interesse da vida pública. Muitos autores que se propõem refletir sobre os fenômenos políticos e sua relação com os *media* e analisá-los, fazem-no a partir do jornalismo (impresso, televisivo e do rádio) como o meio por excelência dessa discussão.

O argumento que queremos defender aqui é o de que outras produções e gêneros midiáticos, podem, sim, possuir conteúdo político e promover reflexões e discussões de assuntos e temas de natureza e interesse coletivos, ao apresentarem novas temáticas, interesses e formas de intercâmbio, inclusive daqueles sujeitos que sofrem exclusão social e falta de reconhecimento. Nessa medida, propomos pensar e discutir tal argumento a partir da análise e dos desdobramentos em termos de debate público (com a voz dos realizadores, dos *media* e da ONG **Nós do Cinema**[3])[4] da minissérie **Cidade dos Homens** , exibida pela Rede Globo de Televisão desde o ano de 2002 . Com uma produção que conta com tipos inovadores de abordagens, esse programa retrata, de um modo mais complexo, que escapa às associações mecânicas da favela com a criminalidade, a violência e a iniqüidade, o cotidiano dos moradores de favela. Os protagonistas, dois adolescentes negros, Acerola e Laranjinha, relatam, para o amplo público da TV, suas aventuras e dificuldades típicas da vida no morro.

O objetivo deste artigo é, portanto, apreciar o modo pelo qual os *media* desempenham um papel fundamental na configuração da esfera pública contemporânea, ao conferir visibilidade a questões político-culturais e ao colocar na pauta das discussões novas temáticas e formas de intercâmbio, inclusive daqueles sujeitos que sofrem exclusão social. Nossa intenção é discutir o papel que os *media* desempenham na configuração da esfera pública, de modo ainda muito atrelado ao jornalismo tido como meio preferencial de prover informações e discussões sobre determinado tema. Gostaríamos de nos contrapor a essa visão e evidenciar o modo pelo qual os *media* , em programas de entretenimento, enquadram e re-significam fatos e interpretações, conferindo ou negando visibilidade aos atores e discursos e fornecendo subsídios para o debate.

2 PARA ALÉM DO JORNALISMO

Nas últimas décadas, muitos pesquisadores (THOMPSON, 1998; BLUMLER; GUREVITCH, 2000; DALGHREN, 1993; NORRIS, 2000; MAIA, 2004) vêm evidenciando que parte

significativa das relações que os sujeitos estabelecem com o mundo em que vivem – para além de suas relações face a face – tem se realizado através dos *media* . Sendo assim, estes representam uma importante mediação simbólica, cuja capacidade consiste em filtrar, mediatizar e enfatizar determinados temas e omitir outros e – a partir deles – oferecer perspectivas, modelar imagens, promover temas e criar contextos políticos e sociais. Seguindo esse raciocínio, os *media* estabeleceriam as condições de nossa experiência de mundo para além das esferas e interações nas quais vivemos.

Contudo essa rica experiência informativa e político-cultural tem sido concentrada nas relações entre a agenda estruturada pelos *media* , especialmente pelo jornalismo, a agenda pública e, por fim, a agenda política. Essa hipótese, que sugere a capacidade dos meios de "estabelecer a agenda", se denominou *agenda-setting* (McCOMBS ; SHAW, 1979). Cohen (1963) define o conceito de *agenda-setting* como o processo pelo qual *os media* estabelecem os temas que devem ser discutidos socialmente e, por conseguinte, influenciam na agenda pública. O bom desempenho da imprensa não está em dizer o que as pessoas devem pensar, mas nos assuntos que devem discutir. Outros estudos, como os de enquadramento (*framing*), também procuram evidenciar construções de sentido realizadas pelo jornalismo, negligenciando outras práticas midiáticas e sua potencial capacidade de gerar insumos para a produção de conhecimento político (NEUMAN, 1992; GANS, 2003; PROTESS ; McCOMBS, 1991). Nosso interesse é o de nos contrapor a essa visão restrita, que vincula discussões políticas ao jornalismo, e evidenciar os *media* como ator social forte, que se posiciona e reconstrói fatos e interpretações, ao dar ou negar visibilidade aos atores e discursos, nos mais diferentes gêneros que eles produzem. Para Peter Dalghren e Colin Sparks (1993), o jornalismo está em constante intercâmbio com os demais *outputs* dos *media* , ou seja, aquilo que, por ventura, possa ser de interesse e de natureza pública está permeado por discursos advindos tanto dos programas de entretenimento quanto da publicidade. Para esses autores, não seria possível estabelecer limites entre esses discursos, sobretudo porque os próprios *media* empenham-se em promover essa mistura. (DALGHREN; SPARKS, 1993).

O que gostaríamos de ressaltar são as possibilidades de discussão, de reflexão e de debate público que outros gêneros – como telenovela, minisséries etc – podem oferecer, quando discutem temas de cunho político e cultural nas várias tramas e sub-tramas que compõem os enredos. Nessa perspectiva, consideramos os meios de comunicação como parte da estrutura social, o que significa que essa abordagem requer um entendimento e um tratamento mais complexo acerca dos *media* . Para que

entendamos melhor essa proposta seria preciso considerá-los como um novo meio ambiente, no qual ocorrem interações sociais tecnicamente mediadas, como uma mediação na qual se produz um modo próprio de construir realidades, de produzir sentido e novas configurações sociais, políticas e culturais. Acreditamos que os *media* ocupam um espaço fundamental como veiculadores de imagens que nos façam conhecer os demais grupos que constituem a realidade social na qual nos inserimos. Ou seja, tomamos os *media* como canal de acesso para o conhecimento de outras culturas, mostrando seus aspectos, seus anseios e visões de mundo, configurando o real de acordo com seus modos operatórios, o que nos leva a entender que, através das representações por veiculadas por esses mesmos *media* , o debate e a luta por reconhecimento podem ser travados.

Muitos autores (HABERMAS, 1983-85; KELLNER, 2001; SILVERSTONE; THOMPSON, 1998) voltam-se para as inúmeras possibilidades comunicacionais proporcionadas pelos *media* , já que as relações e interações sociais não mais dependem da co-presença para serem estabelecidas. O farto material simbólico midiático poderá fomentar e mobilizar esferas públicas periféricas, a formação de pontos de vista, construção de sentidos e sociabilidade. Nesse sentido, poderemos ver como, através das diversas produções dos *media* , torna-se possível discutir, refletir e lidar com questões políticas que subsidiam o debate público e as lutas dos grupos excluídos nos conflitos empreendidos em busca de reconhecimento e estima social. No caso do Brasil, tem havido algumas iniciativas que corroboram o argumento central aqui exposto, na medida em que procuram destravar o potencial político e reflexivo que produtos culturais como a telenovela (MARQUES, 2003) e a produção musical (MUNDIM, 2004) possuem e sua importante contribuição para o debate público de temas controversos, como sexualidade estigmatizada e legalização da maconha. No caso específico desta análise pretendemos demonstrar como a minissérie ***Cidade dos Homens*** pode conter esse dito potencial, tanto a partir do conteúdo da sua mensagem quanto das opiniões emitidas pelos seus realizadores e pela imprensa escrita especializada.

3 A CENA MIDIÁTICA E A PERIFERIA NA TV

O cenário contemporâneo, no qual estão presentes conflitos e questões de cunho cultural, no qual é possível tematizar, enfatizar e problematizar temas como representação, resistência, diferença, preconceito e outros, permite-nos vislumbrar, nas demais produções dos *media* , possibilidades de reflexão e debate públicos acerca de como lidar com diferentes grupos sociais e suas demandas diversificadas, dentre

elas, o reconhecimento e o respeito social. Nesse sentido, também Rousiley Maia afirma que,

> a esfera de visibilidade midiática é constituída pelo conjunto de emissões dos mídia, em suas diversas modalidades. De tal sorte, não é possível pensar, em primeiro lugar, que exista unicidade do sujeito emissor (como no modelo da comunicação interpessoal) e nem uma lógica geral ou uma consciência que reúna em uma só estrutura aquilo que é dito. Diferentes tipos de mídia, com formatos distintos de organização, funcionamento e regulamentação, apresentam especificidades irredutíveis, constituindo uma produção diversificada e descentralizada (MAIA, 2004, p. 15).

Sendo assim, diante dessa nova possibilidade, seria arriscado continuar afirmando a distinção *a priori* entre informação e entretenimento, sobretudo a partir do ponto de vista da produção de sentido realizada pelos receptores em seus lugares e contextos sociais diversos. Há, na verdade, para os autores citados, uma crescente mistura dos gêneros considerados tradicionais e o sentido construído, a partir das mensagens, nunca é completamente fixado.

É claro que sabemos que a visibilidade gera dilemas seja porque nem tudo pode ser mostrado e, portanto, visto, seja porque lidar com o campo dos *media* é tarefa por demais complexa. Não estamos dizendo que a cena midiática é um espaço franqueado, livre de quaisquer interesses e constrangimentos. Trata-se do contrário. Sabemos que o espaço de visibilidade nem sempre se constitui de modo equilibrado e equânime e que nem sempre aqueles que o ocupam estão comprometidos com o fato de tornar disponíveis, ao conhecimento público, informações importantes.

Não estamos, também, obviamente, a desconhecer as assimetrias de acesso a esse espaço de visibilidade e o quanto os diversos públicos precisam desenvolver competências para "entrar" nesse cenário e nele permanecer. Afinal, é aí que os diversos atores sociais poderão expor seus argumentos, suas controvérsias, suas aspirações e visões de mundo. A importância da visibilidade e, mesmo, a centralidade dos *media* podem ser evidenciadas nas inúmeras tentativas dos diversos grupos de alcançar repercussão midiática para seus eventos, reivindicações e lutas (MAIA, 2004; MAIA ; FERNANDES 2002; REIS, 2004). Enquanto que para os atores do sistema político e econômico as chances são maiores, é preciso ver, também, que os diversos grupos da sociedade civil vão criar uma série de estratégias e oportunidades políticas para chamar a atenção dos meios e ocupar a cena pública, pois sabemos que tal exposição contribui para aumentar o conhecimento público (a publicidade) sobre suas causas e conquistar mais legitimidade para seus anseios. Por isso, esses grupos vão se organizando cada vez

mais, condensando e fortalecendo seus argumentos, generalizando suas questões, adquirindo maior competência discursiva e posicionamento diante do público.

Interessa-nos, portanto, enfatizar e mostrar que os novos atores procurarão ocupar o espaço de visibilidade midiática para aí tematizar e discutir questões de seu interesse e abrir novas perspectivas de participação e discussão político-cultural. As lutas empreendidas pelos vários movimentos sociais têm abarcado elementos materiais, simbólicos e sociais, o que faz com que a percepção da sociedade sobre as questões tematizadas seja fundamental.

Como dissemos, algumas pesquisas foram e estão sendo desenvolvidas segundo essa perspectiva e de modo articulado ao papel desempenhado pelos *media* . Grupos urbanos marginalizados, grupos de sexualidade estigmatizada, movimentos sociais têm sido investigados a fim de se depreender como fazem uso público da razão e criam mecanismos dialógicos e se submetem aos padrões argumentativos gerados no espaço de visibilidade midiática participando dos embates e construindo novas interações. Esses estudos (MAIA ; MARQUES, 2002; MARQUES, 2003; MUNDIM, 2004; REIS, 2004; ROCHA, 2005) mostram como a publicidade (no sentido de tornar público) cria espaço para deliberação não obstante as assimetrias e diferentes condições de acesso dos diferentes públicos. Na escolha de objetos de pesquisa recortados com tal propósito é possível identificar as estratégias adotadas para a participação tanto dos atores políticos oficiais quanto dos demais atores no espaço de visibilidade. É possível, também, captar o diálogo e as tentativas de construção de conhecimentos novos, além das escolhas e focos privilegiados pelos produtores do campo dos *media* e aqueles que ganham maior sustentação e legitimidade junto ao público[5].

Em contexto de forte desigualdade social, marcado pela violência física e simbólica, miséria, preconceito, como é o brasileiro, a luta é também por rupturas simbólicas por parte de grupos historicamente marginalizados e excluídos. Cabe, então, ressaltar a relevância de se entender as representações que os *media* constroem acerca desses grupos e os desdobramentos que essas construções simbólicas alcançam no nível do debate político e, de maneira especial, a importância daquelas representações que contam com a colaboração dos próprios excluídos na sua elaboração e na definição da própria imagem. Para permear essa discussão, passaremos, então, na próxima seção a abordar a produção da série televisiva **Cidade dos Homens** , produzida e exibida no Brasil pela Rede Globo de Televisão desde o ano de 2002, que, a nosso ver, se caracteriza por um esforço de interpretação, realizado, também, a partir da visão dos próprios excluídos, do modo de vida de moradores de favela, de seu cotidiano e dos desafios por eles enfrentados.

4 CARACTERIZANDO A SÉRIE CIDADE DOS HOMENS

A Série **Cidade dos Homens** aborda a vida de dois adolescentes, Laranjinha e Acerola, sua vida no morro e os problemas enfrentados, como a violência, a carência material, a falência do ensino público, os preconceitos social e racial, dentre outros. No nosso entendimento, esse programa mostra o morador de favela de outro modo, ou seja, de um modo mais complexo, que escapa a associações mecânicas que ligam violência e criminalidade à favela, sem levar em conta quaisquer outros elementos. A série possibilita pensar de uma outra maneira, pois cria uma nova visibilidade que põe em primeiro plano a cotidianidade, a luta diante das dificuldades, dos medos e as preocupações de sujeitos comuns, que levam vidas também comuns. É o que percebe a jornalista Maria do Rosário Caetano, quando compara a série **Cidade dos Homens** com o filme **Cidade de Deus** , do qual ela se originou,

> Outro diferencial entre **Cidade dos Homens** e **Cidade de Deus** se dá na abordagem da vida cotidiana. No filme, os favelados – negros em sua maioria – parecem viver em função da guerra do tráfico. Já na série da Globo, há vida cotidiana, avós doentes precisando de remédio e criança querendo comer hambúrguer ou pastel (CAETANO, 2002).

Essa Série é um projeto criado e desenvolvido na ONG **Nós do Cinema** , uma organização que promove a inclusão de comunidades de baixa renda através do cinema e que conta com a participação de mais de 25 favelas do Rio de Janeiro como integrantes dos diversos projetos. Como podemos ler na reportagem da *free-lancer* para a **Folha de S. Paulo** , Cláudia Croitor, em 13/10/2003,

> Protagonizados por Darlan Cunha e Douglas Silva, a dupla Laranjinha e Acerola, os epidódios retratam o cotidiano de dois garotos que vivem em um morro carioca e convivem com problemas como o tráfico de drogas, a falta de dinheiro e a relação da favela com a classe média. Os atores são quase todos vindos do grupo Nós do Morro e Nós do Cinema, associação cultural criada no Morro do Vidigal [...] (CROITOR, 2003).

A produção e a realização foram feitas pela produtora O2 em associação com a Rede Globo de Televisão que, segundo afirmam seus produtores, apoiou o projeto sem reservas e desde o início. George Moura ressalta que,

> Quando **Cidade dos Homens** chegou à TV a idéia era fazer uma espécie de "anti" **Cidade de Deus** , ou seja, revelar que na favela existem os dramas cotidianos, que não obrigatoriamente se resumem

> ao problema da violência gerado pelo tráfico de drogas. **Cidade dos Homens** durante esses anos todos mostrou isso, ao fazer uma crônica da vida privada dos seus personagens principais .[6]

Essa parece ser a "leitura preferencial"[7] dos codificadores desse programa: despertar para o fato de que há humanidade nesses lugares, pessoas comuns e vida em comunidade, crianças e sua ingenuidade e não apenas a "lei do tráfico", a violência e a criminalidade. E a colaboração da ONG ***Nós do Cinema*** foi fundamental e, em nossa opinião, fez um grande diferencial. A maioria do elenco, inclusive os protagonistas, é formada nos cursos de interpretação oferecidos pela ONG, cuja principal preocupação é oferecer alternativas econômicas de vida para os mais de 200 jovens e crianças envolvidos nos projetos, todos de comunidades pobres do Rio de Janeiro, para que não se transformem em vítimas do tráfico. Em entrevista dada a **Folha de S. Paulo** em 08/05/2005, Leandro Firmino, ator e vice-presidente da **Nós do Cinema** , considera a Organização muito relevante[8]. Como afirma o jornalista Marcelo Bartolomeu,

> O maior trunfo da realização de **Cidade de Deus** , para ele [Leandro Firmino], é a criação da ONG Nós do Cinema, da qual é vice-presidente. O grupo, formado por jovens atores amadores da favela, ganhou notoriedade na época da produção, em 2002. Atualmente, o Nós do Cinema é um dos mais bem-sucedidos projetos sociais do Rio de Janeiro. A organização mantém 60 alunos dos morros cariocas em oficinas de interpretação, roteiro e direção e tem realizado diversos trabalhos em TV e cinema (BARTOLOMEU, 2005).

Quando questionada por uma enviada especial do jornal **Folha de S. Paulo** ao Rio de Janeiro, sobre se "a minissérie é uma forma de denúncia?", Kátia Lund, uma das diretoras de **Cidade dos Homens** , respondeu,

> Tento dizer que temos de proteger essa galera de 8 a 13 anos que está perto do tráfico. Porque o garoto se espelha no que está mais perto. O gráfico demográfico mostra que os negros entre 10 e 20 anos estão morrendo. A Série chama a simpatia do telespectador por esses meninos, mostra o perigo e a tentação que eles sofrem diariamente. Não sou a favor do crime, mas do potencial dessa juventude, que é desperdiçado (O PESSOAL..., 2002).

Essa abordagem não é tão amplamente aceita entre os realizadores dessas produções culturais. George Moura, outro diretor da Série, quando por nós perguntado se esse tipo de produção poderia gerar algum debate público acerca dos excluídos, respondeu que "poder, pode. Mas a televisão é um veículo acima de tudo de entretenimento. O debate público me parece mais propício ao campo político ou universitário".[9]

Importante ressaltar que, em se tratando de questão controversa como essa, é claro que surgem posicionamentos divergentes, ou seja, aqueles para os quais tal empreitada não passa de estetização da violência e espetacularização da pobreza, como é o caso de Eugênio Bucci, em matéria publicada na **Folha de S. Paulo** em 01/12/2002:

> À medida que a televisão e o cinema vão se embrutecendo, fala-se mais e mais em estetização da violência. Filmes, novelas, peças publicitárias e programas de auditório são acusados desse que seria um terrível pecado ético da indústria do entretenimento: transformar seqüestros, assaltos, assassinatos e demais crimes de sangue em objeto estético, ou melhor, em tema do divertimento do público. Fala-se também em espetacularização da miséria, que seria um pecado análogo: apropriar-se do sofrimento dos mais pobres para convertê-lo em "fotos de arte", em "filmes-denúncia", em imagens comoventes (BUCCI, 2002).

Ou seja, essa ainda não é uma questão consensual. Na verdade, ela pode até mesmo gerar ambigüidade ou apontar para outras discussões, como podemos destacar, ainda na opinião de Bucci,

> Fala-se muito disso [da estetização da violência] e, em geral, fala-se num tom de condenação, como se a estetização da violência e a espetacularização da miséria [...] fossem apenas isso: desvios de conduta dos responsáveis pela mídia. Acontece que são mais do que isso. Elas constituem o *modus operandi* dominante da mídia. É por meio da estetização e da espetacularização, da violência e da miséria, que o *show business* funciona e fatura. Às vezes, os resultados até surpreendem: são proezas estéticas que podem servir como "alerta social". É o que aconteceu com a boa série **Cidade dos Homens**, exibida pela Globo, que, no entanto, logo se diluiu no liquidificador geral da TV. [...]. Mas, enfim, não é porque "estetiza" ou "espetacula riza" isso ou aquilo que a televisão é boa ou ruim. A tendência de espetacularizar e estetizar – o poder, a dor, o assassínio e tudo o mais – é uma lei geral da indústria do entretenimento. Até aí, portanto, nada de novo. A nossa questão é outra. A nossa questão é que a mania de retratar a favela, o tráfico, o drama dos mais pobres, cada vez mais forte na TV, tem revelado menos a miséria da suposta realidade que se quer retratar e mais a miséria artística dos que a retratam. A espetacularização da miséria evidencia menos a angústia dos excluídos do que a carência estética dos que assinam os programas (BUCCI, 2002).

5 REPRESENTAÇÕES CULTURAIS MIDIÁTICAS E DEBATE PÚBLICO

Embora saibamos que o conjunto de representações exibido nos *media* reflita uma tendência à homogeneização e à reprodução de estereótipos, procuramos evidenciar, nesta seção, uma relativa pluralidade nesse ambiente, ao discutirmos como uma representação que

foi construída no espaço de visibilidade midiática pode promover reflexões e deslocamentos, conhecimento do outro e contribuir para um reconhecimento mais legítimo e uma identidade mais digna dos grupos marginalizados.

Neste ponto parece-nos importante tratar do conceito de representação, enquanto produção de significados construídos através da linguagem e trocados entre os membros de uma cultura – aqui considerada como sendo os valores compartilhados por um grupo ou uma sociedade (HALL, 1997). Para Stuart Hall, a representação – ao articular mapa conceitual de idéias e linguagem – é a prática que nos possibilita conferir significado ao mundo e compartilhá-lo em alguma medida com o outro, levando-nos a pertencer à mesma cultura e a construir um mundo social. A representação faz parte da vida cotidiana das pessoas, é uma forma de conhecimento que se manifesta como elementos cognitivos (imagens, conceitos, categorias, teorias), socialmente elaborada e compartilhada, que contribui para a construção de uma realidade comum, pois ela possibilita a comunicação entre as pessoas e modela seu comportamento (JODELET *apud* WAGNER, 1995). E é justamente por isso que a linguagem, sendo o meio através do qual pensamentos, idéias e sentimentos são organizados na cultura, é elemento central nesse processo de construção de representações. A função básica da linguagem, enquanto a expressão de nosso ser no mundo, é concretizar o que nós dizemos, pensamos e sentimos acerca dos objetos, pessoas ou eventos. É através da linguagem que nós os representamos e tornamos possível atribuir-lhe algum significado comum.

Sendo assim, a presença de um código cultural compartilhado através da linguagem é fundamental. Cabe-nos, aqui, ressaltar o quanto isso tem sido viabilizado através dos modernos meios de comunicação que, por via de suas complexas tecnologias, fazem circular sentidos entre diferentes grupos e culturas numa extensão até então desconhecida.

No caso dos moradores de favela, o imaginário social dominante brasileiro interpreta o "favelado" como um tipo social homogêneo e a favela como lugar de ausência e caos social. A favela é quase sempre definida pelo que ela não teria: um lugar sem infra-estrutura urbana — água, luz, esgoto, coleta de lixo —, sem ruas pavimentadas e bem delimitadas, globalmente miserável, sem ordem, sem lei, sem regras, sem moral, enfim, o lugar da carência, do vazio, do perigo. Muitos autores (ZALUAR; ALVITO, 2003; CECCHETTO, 2003; RINALDI, 2003; ZALUAR, 2004, 1997, 1985) já apontaram para esta questão da estigmatização e rotulação sofrida por estes indivíduos moradores de favela. Há, para estes autores, uma espécie de imaginário preconceituoso, alimentado tanto por aqueles que não querem ser associados à favela

quanto pelo poder público, como ainda pelos que lá não moram. Contudo uma abordagem mais específica dessa problemática não é objeto de discussão neste artigo[10].

Quanto à representação televisiva feita em **Cidade dos Homens** , parece -nos relevante destacar que a participação dos moradores das favelas de modo ativo, tanto na elaboração dos roteiros quanto na atuação nos episódios[11] e até mesmo na improvisação das cenas, resulta numa maior complexidade do tipo de representação em questão – os moradores de favela. Em outras palavras, aqueles diretamente afetados por ela também puderam lançar mão de sua visão de mundo e de seus códigos compartilhados para entrar na construção desse diálogo representacional – construir identidades, marcar diferenças. Os protagonistas, ao mesmo tempo em que representam adolescentes moradores de favela, são, de fato, adolescentes moradores de favela e emprestam sua veracidade ao papel que desempenham. E foi isso que também pode ter ajudado a escapar-se de associações mecânicas (favela = tráfico, violência e marginalidade), que dominam o imaginário daqueles que não são moradores dessas comunidades, bem como instaurar questionamentos político-culturais acerca de quem são esses sujeitos. Assim, as relações que, por ventura, teriam sido estabelecidas entre as idéias calcadas na cultura e sua representação, concretizadas na linguagem, podem ter sido um tanto mais complexas.

Contudo, é preciso frisar, trata-se de uma representação transformada em ficção para a TV. Não há um realismo ingênuo nem tampouco um gênero documental, embora alguns dos realizadores acreditem que isso tenha ocorrido, como nos disse George Moura,

> O que de fato a Série consegue é uma saudável contaminação com o real. Sempre filmada em favela, com atores e figurantes deste universo, **Cidade dos Homens** tem uma verdade cênica poucas vezes vista na televisão brasileira. Tudo parece real, tudo parece documental. Talvez seja esse um dos grandes trunfos de **Cidade dos Homens**, que foi percebido pelo telespectador mais acostumado a imitações de universos dramáticos.[12]

É possível que o diretor esteja se referindo aos depoimentos que aparecem no decorrer dos episódios fazendo esse paralelo entre ficção/realidade. Em alguns momentos, os garotos que atuam na ficção relatam suas reais experiências dramáticas com o crime seja pela morte de parentes e amigos seja pelo medo ou sentimento de revolta que desenvolvem. Um trecho da matéria publicada na revista **Veja** , de Marcelo Marthe é esclarecedor:

> Um grupo de garotos conversa sobre seu cotidiano numa favela carioca. Um deles conta que viu a polícia jogar uma bomba de gás lacrimogêneo no barraco de seu primo, o que resultou na morte desse último, carbonizado. Outro narra que certa vez deu de cara com três cadáveres boiando num tanque em frente de sua casa. Um terceiro fala sobre um amiguinho que levou tantos tiros no rosto que teve de ser enterrado de costas, por causa das deformações sofridas. Esses depoimentos – reais – estão numa das muitas cenas chocantes de Cidade dos Homens, minissérie em quatro episódios que a Rede Globo exibe a partir desta terça-feira na faixa das 23 horas (MARTHE, 2002).

O trecho em questão refere-se mais exatamente ao primeiro episódio do primeiro ano da Série, A Coroa do Imperador. Mas é também nesse mesmo episódio que, ao participar de uma aula de história na escola, Acerola tenta explicar o que entendeu acerca das guerras napoleônicas na Europa no século XIX, estabelecendo um paralelo surpreendente e imaginário entre as citadas batalhas européias por conquista de território e as batalhas do tráfico de drogas nos morros do Rio Janeiro por conquista de "pontos de droga".

Tudo isso contribui para uma construção peculiar da narrativa de **Cidade dos Homens** . É uma representação também construída a partir do imaginário, dos sentidos compartilhados e da experiência daqueles sobre o quais a Série pretende falar. Muitas vezes o roteirista escreve alguma fala que é naturalmente modificada por seu intérprete em função daquilo que vive e ouve diariamente na comunidade onde mora.

Reiteramos que essa não é uma questão consensual. Há controvérsias que animam esse debate sobre a "periferia na TV" não como uma possibilidade de reflexão e deslocamento, mas como mais uma das "jogadas" deste meio segundo suas características comerciais, apelativas, homonegeizadoras. É o que pensa Eugênio Bucci,

> É verdade que essas duas novíssimas cidades [**de Deus e dos Homens**] trouxeram para o público algo mais que divertimento. Trouxeram uma esperança cívica de que o entretenimento possa retratar os párias sociais e, assim, possa contribuir para a superação das desigualdades. [...] [Mas] desde o primeiro capítulo *Cidade dos Homens* foi deglutida por essa natureza devoradora da TV. Embora tenha representado uma renovação notável do que se via na Globo, ocupando a tela com personagens que nunca estiveram ali, com uma história de favelados "reais", interpretada por meninos "reais", sobre temas "reais", com um modo de narrar surpreendente e perturbador, **Cidade dos Homens** foi caprichosamente deglutida. Na TV brasileira, o altar nacional do consumo e da pacificação social, toda renovação puramente estética resulta estéril (BUCCI, 2002).

Outra controvérsia foi levantada por João Cezar Rocha quanto à tendência que ele identificou em relação à infantilização do foco narrativo, não porque se trata de uma Série que conta com a participação de adolescentes e crianças que estudaram

cinema e se prepararam através dos projetos de uma ONG que dirige seu trabalho a eles, mas como estratégia comunicativa da TV para com sua audiência. E esse foco pode ser crucial, pois ele acaba por se tornar numa espécie de filtro, que tentará conduzir as interpretações do receptor na linha estabelecida pela "leitura preferencial". Rocha acredita que esse foco vem tendendo para a infantilização desde o filme *Cidade de Deus* ,

> [...] a escolha do foco narrativo é reveladora [...]. O processo de infantilização dos protagonistas foi radicalizado na série **Cidade dos Homens** . A equipe básica de realização do seriado televisivo é a mesma do filme. E a infantilização do foco narrativo parece adequar-se à sensibilidade da audiência do horário nobre. Em lugar de um adolescente, temos agora duas crianças, Laranjinha e Acerola. No primeiro ano da série, discutiam-se as dificuldades típicas da vida na favela, ainda que de forma diluída. [...]. qual o propósito da crescente infantilização do foco narrativo e dos protagonistas? Desse modo, os problemas associados ao narcotráfico podem ser deixados à margem e, assim, reencontrarmos a "humanidade" das relações "mesmo" numa favela. Tal infantilização termina por criar uma favela abstrata, totalmente descontextualizada, como se sua vista privilegiada não passasse de um elemento de valorização imobiliária e todos os barracos fossem apartamentos de cobertura (ROCHA, 2004).

Contudo podemos considerar que o s mídias, com seus modos próprios de construção da realidade, reforçando alguns estereótipos e valores, garantindo um *happy end* quase certo para suas histórias, um apelo a lições de moral convencionais (o bem vence o mal), podem levar ao debate, ao questionamento e à construção de novas visões dos grupos os quais retrata.

6 MOBILIDADE SIMBÓLICA E APROXIMAÇÃO DOS MUNDOS

Voltando à questão política, discutida inicialmente, aquela que diz respeito ao entendimento do outro como moral e politicamente igual, a análise de **Cidade dos Homens** permite-nos vislumbrar uma **mobilidade simbólica**[13] e cultural dos mundos distintos, denominados por muitos moradores de favela como morro e asfalto, numa clara contraposição dos dois ambientes. Esther Hamburger avalia que,

> A julgar pela audiência média de 35 pontos obtida pelo primeiro episódio, em contraste com os 23 de 'Carga pesada', o público aprova a novidade que não precisaria ir ao ar tão tarde, nem em doses tão reduzidas. A novela das oito descreve o repertório fútil de pessoas dispostas a armar qualquer barraco para penetrar na arena da fama. **Cidade dos Homens** revela um pouco do universo popular dos morros cariocas interpretado por dois garotos que, esses sim, encontraram, ao menos por hora, no ofício de ator, uma via de inclusão

(HAMBURGER, 2003).

É claro que sabemos que a possibilidade de aproximação dos mundos aqui exposta é simbólica e cultural. E que o problema das desigualdades permanece e que só será plenamente resolvido com o fim da segregação racial embutida na estarrecedora diferença de classes existente no Brasil. Contudo, não queremos deixar de evidenciar o papel que os *media* podem exercer e na contribuição que eles podem dar nesse processo de aproximação e deslocamento de visões cristalizadas que sustentam a representação que muitos têm dos "favelados". Isso pode ser pensado, por exemplo, a partir do episódio **Uólace *e* João Vitor** , o último do primeiro ano de exibição da série. Esse episódio é uma versão do livro homônimo de Rosa Amanda Strauss e traça um paralelo entre dois adolescentes: um do morro, chamado Uólace e outro do asfalto, de classe média baixa, chamado João Vitor.

A narrativa aborda o dia-a-dia de cada um, as relações com a família, com a escola, com os amigos e mostra que, apesar da distância existente entre eles, bem retratada pelos contrastes e discrepâncias que os cercam (um estuda em escola pública – de greve no episódio – enquanto o outro estuda em escola particular. Um tem a mãe ausente - porque passa a semana no trabalho – o outro tem uma mãe presente que, inclusive, trabalha em casa e lhe dá toda assistência. Um passa fome – porque não tem o que comer em casa – o outro almoça com a mãe ainda que seja algo modesto), ao mesmo tempo evidencia-se que ambos são adolescentes com desejos, aspirações e preocupações semelhantes; expostos ao mesmo conteúdo dos meios, "vidrados" no mesmo sanduíche e no mesmo tênis da moda. Sendo assim, com estórias paralelas e isoladas por um conjunto de barreiras que passam pelo preconceito, pelo medo e pelo estranhamento um do outro, o episódio nos leva a pensar o tema, questioná-lo e quem, sabe, superá-lo no que diz respeito à construção de uma visão do outro como digno de respeito e consideração.

7 CONCLUSÃO

Se os mecanismos e processos dos *media* constituem e mediam, com sua penetração e poder de influência, a produção e reprodução de bens simbólicos compartilhados, cabe-nos evidenciar sua relevância e demonstrar o modo através do qual suas diversas produções estão presentes em praticamente todas as esferas e formas de interação que constituem a sociedade brasileira e latino-americana. Não esquecendo, é claro, as suas ambigüidades, a sua tendência à homogeneização e o seu tino comercial. Mesmo diante disso é preciso demonstrar como ela engendra práticas culturais e sociais, como ela

possibilita uma **mobilidade simbólica** , o deslocamento de visões preconceituosas e a formação de identidades baseadas no respeito e no reconhecimento, como um legítimo exercício político. Sabemos que a exposição de um problema social, o seu escrutínio público não visa apenas à construção de uma solução imediata, mas, sobretudo, ao exercício do debate que possibilita que seus participantes encampem diferentes temáticas e desenvolvam discursivamente seus motivos. Nesse sentido, a simples menção – ou representação – de um universo diferente na televisão descortina um problema que, longe do espaço dos *media* , estaria ainda invisível.

Aqui no Brasil, nas periferias e nas favelas, vêm surgindo grupos que procuram interferir de maneira significativa na definição da própria imagem. Esse é um quadro cultural novo e por isso destacamos a ONG **Nós do Cinema** como uma organização que contribuiu efetivamente para essa transformação na nossa história e na nossa produção cultural. Essas organizações querem mudar a maneira de pensar das outras pessoas e por isso vão fortalecendo seus argumentos até se tornarem interlocutores capazes e respeitados. Temos, assim, um esforço sério de representação e interpretação dos mecanismos de preconceito, racismo e exclusão, empreendidos pelos próprios excluídos.

Buscamos, portanto, demonstrar e entender como esse processo pode ser desencadeado através de outros gêneros televisivos que, assim, podem também estimular o debate e o exercício da política. E nessa demonstração pudemos encontrar possibilidades de debate público e potencial deliberativo, geradas não só no jornalismo televisionado e impresso, como também na telenovela, na produção musical e na minissérie.

ABSTRACT

The aim of this communication is to discuss the possible contributions that brazilian television may offer to public debate and to the construction of collective identities beyond what is traditionally brodcasted by journalism. Our goal is to point out and discuss that other products and media types may well adress political issues and promote reflections and discussions about them, as well as topics of collective interest and nature, by presenting new topics, focuses and forms of exchange, including those of people who suffer social exclusion and lack of recognition. Based on analysed material, this text presents an empiric example – the short series *City of men* (*Cidade dos Homens*), exhibited by TV Globo since 2002.

Keywords: Public debate. Representation. Slum dwellers.

RESUMEN

El propósito de este artículo es discutir sobre las posibilidades que la televisión brasileña puede ofrecer como contribución al debate público e a la construcción de identidades colectivas, además de lo que es tradicionalmente mostrado en el periodismo. Se pretende evidenciar y argumentar qué otras producciones y géneros mediáticos pueden presentar un contenido político y promover reflexiones y discusiones sobre asuntos y temas de naturaleza e interés colectivos, al presentar nuevas temáticas, intereses y formas de intercambio, inclusive de aquellos sujetos que son excluidos socialmente y, por tanto, no son reconocidos por los otros. A partir del material ya analizado, este texto muestra en un ejemplo empírico: la miniserie *Ciudad de los Hombres* (*Cidade dos Homens*), exhibida por la Rede Globo desde 2002.

Palabras claves: Debate público. Representación. Habitantes de 'favela'.

REFERÊNCIAS

BARTOLOMEU, Marcelo. Deu para realizar sonhos . **Folha de S. Paulo** , São Paulo, 8 maio 2005. Ilustrada.

BLUMLER, J. ; GUREVITCH. Rethinking the study of political communication. In: CURRAM, James ; GUREVITCH, Michael (Ed.). **Mass media and society** . London: Edward Arnold, 2000.

BUCCI. Eugênio. A miséria do espetáculo . **Folha de S. Paulo** , São Paulo, 1 dez. 2002. Seção crítica.

CAETANO, Maria do Rosário. Cidade dos Homens ganha as telas da Globo . **O Estado de São Paulo** , São Paulo, 15 out. 2002.

CECCHETTO, Fátima Regina. Galeras *funk* cariocas: os bailes e a constituição do *ethos* guerreiro. In: ZALUAR, Alba ; ALVITO, Marcos (Orgs.) **Um século de favela** . Rio de Janeiro: FGV, 2003.

COHEN, J. **The Press and Foreign Policy** . Princeton: Princeton University Press, 1963.

CROITOR, Cláudia. Estética do morro carioca invade a TV . **Folha de S. Paulo** , São Paulo, 13 out. 2003. Ilustrada

DALGHREN, Peter ; SPARKS, Colin. **Communication and citizenship** : journalism and the public sphere in the new media age. London: Routledge, 1993.

FRAGA, Erica. Trupe de Cidade de Deus leva projeto ao Reino Unido . **Folha de S. Paulo,** São Paulo, 7 mar. 2005. Ilustrada.

FRASER, Nancy. From redistribution to recognition? Dilemmas of justice in a postsocialist age. **Justice interruptus** . Routledge, New York, 1997.

GANS, Herbert J. **Democracy and the news** . New York: Oxford University Press, 2003.

HALL, Stuart. Codificação/Decodificação. **Da diáspora** : identidades e mediações culturais . Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

_____.(Ed.). **Representation** : cultural representations and signifying practices . London: Sage, 1997.

HABERMAS, J. **The theory of communicative action.** Boston: Beacon Press, 1983-85. V. 2.

HAMBURGER, Esther. Cidade dos Homens extrapola o morro . **Folha de S. Paulo** , São Paulo, 22 out. 2003. Ilustrada

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento** : a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Editora 34, 2003.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia.** São Paulo: EDUSC, 2001.

MAIA, Rousiley C. Moreira. Dos dilemas da visibilidade midiática para deliberação política. In: LEMOS, André. (Org.). **Mídia.Br** : Livro do XII Compós-2003. Porto Alegre: Sulina, 2004.

MAIA, Rousiley C. M. ; FERNANDES, Adélia. O movimento antimanicomial como agente discursivo na esfera pública política. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** , São Paulo, v. 17, n. 48, fev. 2002.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. **Da esfera cultural à esfera pública** : representações de grupos de sexualidade estigmatizada nas telenovelas e a busca por reconhecimento. 2003. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social)-Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

MARTHE, Marcelo. Cidade de Deus na TV : notícias da Guerra. **Veja** , São Paulo, 16 out. 2002.

McCOMBS, M. ; SHAW, D. The agenda setting function of mass media. **Public Opinion Quartely** : journal of the American Association for Public Opinion Research , Chicago, Ill., v. 36, 1979.

MUNDIM, Pedro. **Das rodas de fumo à esfera pública** : o discurso de legalização da maconha nas músicas do Planet Hemp. 2004. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social)-Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

NEUMAN, W. Russell. **Common Knowledge** : news and the construction of political meaning. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.

NOBRE, Marcos. Participação e deliberação na teoria democrática: uma introdução. In: SCHATTAN, V. P. C. ; NOBRE, M. **Participação e deliberação** . São Paulo: Editora 34, 2003.

NORRIS, Pipa. **A virtuous Circle, political communication in postindustrial societies.** . Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

O PESSOAL da Globo se preocupou. **Folha de S. Paulo** , São Paulo, 13 out. 2002. TV Folha

PROTESS, David ; McCOMBS, Maxwell. (Ed.) . **Agenda Setting readings on media, public opinion, and policymaking.** Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaurn, 1991.

REIS, Roberto A. **Quando o afeto ganha a esfera midiática** : casos de sujeitos homoeróticos e estratégias jornalísticas para enquadrar vozes de leigos e especialistas. 2004. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social)-Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

RINALDI, Alessandra de Andrade. Marginais, delinquentes e vítimas: um estudo sobre a representação da categoria favelado no tribunal do júri da Cidade do Rio de Janeiro. In: ZALUAR, Alba ; ALVITO, Marcos (Orgs.). **Um século de favela** . Rio de Janeiro: FGV, 2003.

ROCHA, João Cezar de Castro. Conceito de malandragem desenvolvido por Antonio Cândido e Roberto DaMatta envelheceu e foi atropelado pela violência que atinge toda sociedade. **Folha de S. Paulo** , São Paulo, 9 fev. 2004. Mais!

ROCHA, Simone Maria. Favela, soma de exclusões e assimetrias: em busca de uma mobilidade simbólica na cena midiática. **Contemporânea** : revista de comunicação e cultura, Salvador, v. 3, p.185-217, 2005.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Edições Loyola, 2002.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade** : uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998.

WAGNER, Wolfgang. Descrição, explicação e método na pesquisa das representações sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho ; JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). **Textos em representações sociais** . 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

ZALUAR, Alba. Inclusão e políticas públicas: dilemas teóricos e alternativas políticas. **Revista Brasleira de Cências Sociais** , São Paulo, v. 12, n. 35, 1997.

_____. **A máquina e a revolta** . São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. Violência e crime: saídas para os excluídos ou desafios para a democracia. *Integração perversa, pobreza e tráfico de drogas* . Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ZALUAR, Alba ; ALVITO, Marcos. Introdução. In: _____.(Orgs). **Um século de favela** . Rio de Janeiro: FGV, 2003.

[1] Essas reflexões fazem parte do projeto "Da periferia à esfera pública: a construção da

identidade de pobres e favelados (e suas comunidades) na série **Cidade dos Homens** e a contribuição para o debate público" que conta com o apoio do CNPq, a quem agradecemos pelo auxílio concedido.

[2] Essa discussão sobre a favela como espaço social complexo e alvo de rotulações e estigmatizações já foi fruto de nosso artigo "Favela, soma de exclusões e assimetrias: em busca de uma mobilidade simbólica na cena midiática" (ROCHA, 2005).

[3] Para o escopo desta análise faremos referência aos quatro episódios do primeiro ano de exibição da série, quais sejam, "A coroa do imperador", "O cunhado do cara", "Correio" e "Uólace e João Vitor" transmitidos entre os dias 15 e 18 de outubro de 2002, às 22:00 na Rede Globo de Televisão.

[4] Entrevista concedida via web em 24/10/2005.

[5] Essa foi uma das discussões centrais desenvolvidas em nosso artigo anterior, no qual partíamos da premissa segundo a qual *os media* podem oferecer insumos às pessoas para que as mesmas pensem sobre o mundo, suas ambigüidades, contradições, desigualdades. Que eles podem exercer interferência significativa nas conversações cívicas, e modificar o contexto de desinteresse e apatia frente a questões de natureza e interesse coletivo. E que eles podem, sim, contribuir para a aproximação de diferentes mundos e diferentes públicos, na medida em que os programas e mensagens exibidos por eles podem criar uma margem de entendimento que seja ampliada, que rompa com visões de mundo restritas e gere maior consideração, respeito e estima pelos diversos sujeitos de mundos diferentes. A partir dessa premissa, procuramos compreender se seria possível a provocação de uma **mobilidade simbólica** na visão de que favela seria apenas um lugar de ausência e de excluídos, para uma perspectiva em que ela seria um lugar no qual os sujeitos estabelecem interações sociais, possuem aspirações de vida, quadros de referências compartilhados que dão sentido e alimentam seus sentimentos de pertença a uma comunidade. Consideramos **mobilidade simbólica** a noção que traduz o deslocamento de uma visão pré-concebida e preconceituosa acerca de excluídos, no caso, moradores de favela, para uma visão que os toma como sujeitos comuns, com dilemas e aspirações também comuns, que não representam um risco *a priori* para os demais grupos pelo fato de serem moradores de favela (ROCHA, 2005).

[6] Nancy Fraser e Axel Honneth, embora entendam que problemas de redistribuição e de reconhecimento estejam intimamente interligados, argumentam que seja importante distingui-los analiticamente, para que se apreenda o modo pelo qual facetas de tais problemas se combinam de maneira peculiar em diferentes grupos sociais, provocando exclusões de natureza distinta.

[7] As vozes acionadas aqui se referem aos jornais (artigos, colunas e opiniões), aos realizadores da Série e à ONG **Nós do Cinema** , responsável pela formação profissional dos atores. Não incluímos aqui os receptores, posto que eles não foram incluídos ou convocados a opinar nesses espaços de visibilidade midiática. Sobre essa última "voz" julgamos pertinente desenvolvê-la como objeto de um artigo próprio.

[8] A pesquisa foi feita nos jornais **Folha de S. Paulo , Estado de São Paulo e Veja** . Como o período de veiculação das matérias do primeiro ano da série foi curto (apenas na semana de exibição, o que, no caso da *Veja* representaria apenas uma edição), optamos por ampliar a consulta à *Folha de S. Paulo* nos anos subseqüentes, ou seja, 2003 a 2005, para angariar mais subsídios à análise. A escolha deste jornal se deu tanto por sua alta tiragem em relação aos demais, quanto pela disponibilização de suas matérias via internet, através do site: www.folhadesaopaulo.com.br

[9] Estamos aqui nos referindo às pesquisas que foram e estão sendo desenvolvidas de modo articulado no âmbito do Grupo de Pesquisa sobre Mídia e Espaço Público do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da UFMG, ao qual se vincula o projeto que deu origem a este artigo. Neste grupo procuramos empreender discussões que privilegiem o desenvolvimento da política sob a ótica da sociedade civil e suas relações com *os media* .

[10] Entrevista concedida via web em 24/10/2005.

[11] Estamos nos referindo, aqui, a uma das leituras típico-ideais propostas por Stuart Hall em seu texto "Codificação/decodificação", quando esse autor trata do processo de codificação de mensagens televisivas e suas possibilidades de construção de significados (leituras) a serem feitas pelo telespectador. Além da leitura preferencial, aquela cuja interpretação estará em total acordo com os objetivos do codificador, o autor aponta a leitura negociada e a leitura oposicional. (HALL, 2003).

[12] Não seria o caso de aprofundar aqui, mas gostaríamos de mencionar que o trabalho da ONG,

além de oferecer cursos na área de cinema e viabilizar filmes escritos e realizados pelos jovens, envolve também reforço escolar e tem uma rede de apoio e contatos com ONG's internacionais (como a britânica *ABC Trust*) e nacionais (como o **Movimento Viva Rio**). Seus integrantes têm viajado para o exterior para divulgar o trabalho e conseguir suporte financeiro, além de promoverem discussões e sessões de debate sobre os trabalhos desenvolvidos com jovens alunos de universidades em vários países da Europa. "Estamos tentando reverter o estigma de que somos só os atores de **Cidade de Deus** . Nós seguimos em frente, queremos apresentar nossos projetos", declara Luis Nascimento, coordenador da ONG em matéria publicada no jornal **Folha de S. Paulo** . (FRAGA, 2005).

[13] Entrevista concedida via web em 24/10/2005.

Copyright (c) 2006 Autor(es) / Copyright (c) 2006 The author(s)
The copyright of works published in this journal belong to the authors, and the right of first publication is conceded to the journal. Due to the journal being of open access, the articles are of free use in research, educational and non-commercial activities.

Selo CC-BY-NC com Direito Autoral_2006